

NARRATIVAS DO ESPAÇO URBANO ATRAVÉS DO ...AVOA! NÚCLEO ARTÍSTICO

DÉBORA SOUTO ALLEMAND¹; EDUARDO ROCHA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – deborallemmand@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. ENTRANDO EM CENA...

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado da autora, que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa volta-se para o estudo das relações entre dança e cidade, na busca de dar visibilidade às micropolíticas da cidade e entendendo que a arte pode abrir brechas para criação de novas leituras do espaço urbano, com foco no trabalho atual do ...AVOA! Núcleo Artístico: “Entre-espaços: Relações possíveis no encontro com a rua”. O trabalho é desenvolvido na Rua São Bento, no centro da cidade de São Paulo, Brasil.

O ...AVOA! surgiu em 2006 com o propósito de realizar intervenções em espaços diferentes de palcos tradicionais e pela dificuldade em encontrar lugares para ensaios e apresentações, o grupo começou a utilizar a rua, também como uma forma de afirmação política da arte. O núcleo estuda principalmente o centro de São Paulo e, em especial, a Rua São Bento no Projeto *Entre-espaços: Relações Possíveis no Encontro com a Rua*.

Em meio a essas questões de dança, corpo, espaço, cidade e arte de rua, o trabalho segue caminhos contemporâneos e fica na fronteira entre dança e cidade e, portanto, trata de um tema de relevância para as duas áreas. De tal modo, esta pesquisa tem o objetivo geral de compreender a relação entre cidade e dança, a partir da experiência do ...AVOA! Núcleo Artístico. Além do objetivo central, o trabalho tem como objetivos específicos: atentar para o espaço utilizado pelo grupo no projeto *Entre-espaços*; diluir as fronteiras entre teoria e prática no processo de pesquisa; e apontar soluções mais sensíveis acerca do espaço público contemporâneo.

2. METODOLOGIA

O trabalho apoia-se no método da cartografia para estudar os processos contemporâneos na cidade e dar vez e voz às micropolíticas da urbe, atentando para o que pede passagem e devorando tudo aquilo que causa experiência e faz pensar sobre a rua em relação à dança. A metodologia é de cunho qualitativo e não pretende validar ou reprovar determinada situação. O desafio é realizar uma reversão do sentido tradicional do método, ou seja, ao invés de trabalhar com orientação, regras e objetivos pré-prontos – o *metá-hódos* –, a metodologia escolhida aposta num caminhar que traça, no percurso, suas metas – o *hódos-metá*. Neste trabalho, se utilizou os seguintes instrumentos metodológicos: revisão bibliográfica, entrevistas com integrantes do grupo ...AVOA!, observação junto à Rua São Bento e análise de fotos e vídeos disponibilizados na internet.

3. CRIANDO TERRITÓRIOS

Desde 1950, muitos movimentos de arte lutam pelo seu espaço na cidade e, assim, produzem a cidade. Alguns grupos modernistas e pós-modernistas,

discutiram sobre a democratização da arte e passaram a utilizar espaços alternativos ao teatro de palco italiano, entendendo que ir para a rua era também uma forma de fazer política. Situacionismo, *happening*, *performance* e *Judson Church* foram alguns desses grupos. Propunham uma fusão entre as artes, rompiam com a arte tradicional e não desvinculavam a arte da vida. Isso gerava uma mudança aos que caminhavam na rua: de simples pedestres a espectadores, o que provocou novas formas de estar na cidade.

As intervenções urbanas transformam o ambiente e tem função pública e política. Diluem as fronteiras entre as linguagens da arte, entre artista e espectador e entre espaço cênico e espaço da plateia. A arte desterritorializa¹ os que a experimentam, modifica valores da sociedade e potencializa uma nova forma de enxergar um “mesmo” espaço. Além disso, a cidade é lugar de múltiplos estímulos e, por isso, de grande potência para a criação artística, abrindo possibilidades de diferentes sensações e movimentos e ampliando as formas de fazer e compreender dança.

Com esse enfoque, o grupo ...AVOA! vai contra a hegemonização racional das cidades e transforma a Rua São Bento de dentro para fora, apoiando-se no espaço como produtor de arte e nos proporcionando enxerga-lo de forma sensível. Dentro do projeto *Entre-espaços*, o grupo tem duas ações consolidadas: as “micro-resistências” e a “caminhada lenta”, as duas surgiram de observações e de fotografias.

A “micro-resistências” serviu como um disparador para o grupo pensar as relações da rua e surgiu como uma metáfora da natureza na cidade – planta que cresce em fachada, raiz de árvore que rompe o concreto e ergue o asfalto – e que as pessoas só percebem quando já está dada. Então, os bailarinos instauram-se em vãos, como se fossem essas plantas (BORTOLETTO, 2014). E a “caminhada lenta”, que foi outra forma de observação do local, também convidando as pessoas a olhar, e uma opção de dilatar o tempo daquele espaço, que é uma rua de muitos fluxos (SILVA, 2014). Para o grupo, a lentidão é uma tática para apreender a cidade contemporânea e, ao mesmo tempo, uma maneira de resistir à racionalidade. Opondo-se ao movimento veloz da metrópole contemporânea e coexistindo com ela, é possível compreendê-la.

Assim, a partir de análises de imagens e vídeos feitos pelo grupo e das entrevistas concedidas à autora, além de observações da autora junto à Rua São Bento, foram encontrados alguns fatores ou elementos do espaço urbano que influenciaram no processo de criação do coletivo artístico, nos proporcionando tecer relações entre dança e cidade.

A Rua São Bento é mais um dos lugares na metrópole São Paulo onde se tem pressa. Uma via localizada no centro antigo da cidade e lugar de diversidade e densificação, já que é próxima a diversos terminais de ônibus e estações de metrô, onde carros não passam e, por isso, lugar dos pobres. Lugar também dos camelôs e, agora, dos artistas. O intenso fluxo de pessoas é corriqueiro e fez com que o grupo buscasse uma movimentação contrastante com o ritmo de caminhada das pessoas no lugar, “optando por dilatar esse tempo, por tensionar esse lugar, esse espaço-tempo que cada um experimenta” (SILVA, 2014, p. 142). Existe um contraste também entre as muitas pessoas que passam e os vendedores informais que estão parados ali o dia inteiro. O grupo escolheu experimentar a cidade, ser a lentidão, para ter a potência de desestabilizar a realidade veloz instalada na contemporaneidade e fazer política na cidade.

¹ Para Deleuze e Guattari (1997), desterritorializar significa lançar-se para fora de um território, daquilo que é familiar, em busca de outro lugar, outros territórios.

Muitos dos que trabalham informalmente na Rua São Bento fazem sons para vender produtos, como o “Seu Edson” que vende “Natura e Avon” e, para o ...AVOA!, eles também compõem o trabalho do grupo na questão sonora. A sanfona utilizada, “que tem uma relação com a respiração” dos bailarinos (SILVA, 2014, p. 144), também auxilia na “dilatação” do tempo da rua.

O grupo também utiliza as fachadas abandonadas na Rua São Bento como um local para improvisado e como uma forma de atentar para aquele espaço. Os equipamentos urbanos, como a lixeira e o orelhão, também são utilizados pelos bailarinos para que possam ser exploradas as possibilidades de diferentes movimentos. Outro elemento mencionado pelos entrevistados foram as grades, que são elementos que fomentam as relações entre dentro e fora e causam estranhamento de quem passa quando vê o grupo em ação utilizando-as. Para Luciana Bortoletto (2014), as grades com os corpos são uma espécie de uma partitura musical, enquanto imagem.

O grupo trabalha muito mais com movimentos lentos, em pausa, encolhidos e em torção, buscando contraponto aos lugares onde estão, uma escolha muito baseada nos desafios de uma grande metrópole, um lugar de muitos fluxos e estímulos. Desta maneira, o grupo escolheu fazer uma crítica à velocidade das cidades e à falta de experiência, buscando “um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: [...] parar para olhar, parar para escutar” (BONDIA, 2002, p. 24).

Além desses elementos, o que mais possibilitou que as potências do trabalho fossem reveladas, foi quando o grupo realizou uma intervenção fora do local de estudo. Segundo André Silva (2014), a apresentação no espaço do SESC Ipiranga exigiu muito do grupo no sentido de reelaborar a discussão sobre os aspectos mais importantes da pesquisa, para depois adaptar a obra para um local com relações completamente diferentes das estabelecidas na Rua São Bento.

As vegetações que surgem nos vãos na rua, por exemplo, são muito diferentes das de um local fechado. A relação de estreitamento do espaço das relações que eles buscam na rua, num lugar interno é muito mais fácil, porque as pessoas foram ao local com o intuito de assistir o grupo, diferente do público da cidade que na maioria das vezes está de passagem e é surpreendido pela ação. A relação de “tensionamento” do tempo, trabalhado na rua São Bento, um local de grande fluxo de pessoas, não foi possível de perceber com a mesma facilidade porque o SESC Ipiranga é um lugar muito mais calmo que a rua em questão, então a “caminhada lenta”, uma das ações realizadas pelo grupo, não funcionava da mesma maneira.

Assim, o território da Rua São Bento, quando comparado a outros lugares com características opostas ou diferentes, fez o grupo refletir mais ainda sobre as características da rua que estudam. Muitas vezes não prestamos atenção nas características dos locais por onde passamos e a *performance* do grupo é uma boa forma de atentar-nos para os espaços.

4. CONCLUSÕES

A partir das discussões, é possível compreender algumas das relações que existem entre a cidade e a dança. O motivador para o movimento dos bailarinos foi principalmente o ritmo das pessoas do local e os sons produzidos por elas. E uma das principais descobertas do estudo foi a respeito da troca de local para encontrar as características marcantes da obra artística, onde apresentar o trabalho em criação no espaço urbano num local diferente do espaço da Rua São

Bento, revelou as características do trabalho do ...AVOA! e do local de estudo original.

Em relação ao território da Rua São Bento, descobriu-se que os seguintes elementos foram utilizados como motivadores do movimento:

- fluxo de pessoas;
- sons da rua, principalmente através dos vendedores informais;
- fachadas, principalmente abandonos;
- equipamentos urbanos, como lixeira, corrimão e orelhão;
- grades;
- vegetação que nasce em meio ao concreto e;
- vãos.

Além disso, a apropriação das cidades como forma de resistência e de ampliação das possibilidades artísticas é uma maneira de lutar pela sensibilização e aprendizado através da arte. Arte capaz de possibilitar mais e melhores encontros e relações de troca entre as pessoas. Levar a dança para a rua é tornar as cidades contemporâneas mais próximas dos cidadãos, ampliando as possibilidades de experiência e abrindo espaço para a diferença, o imprevisto, a novidade, escapando da máquina-cidade e da máquina-tempo, que nos engole e nos sistematiza.

Por fim, implicar os processos de criação artística aos espaços públicos é ler a cidade subjetiva e, por consequência, ler a sociedade e a cultura. Fazer arte de rua é tornar visível nos corpos dos artistas as características do lugar e do modo de vida da sociedade. Além disso, a interação dos cidadãos com a rua produz a cidade a partir de um movimento de mão dupla. Para os planejadores do espaço, abre-se um novo campo de análise das cidades que estão sendo construídas por nós e se aponta soluções mais sensíveis acerca do espaço público contemporâneo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BORTOLETTO, Luciana. Luciana Bortoletto: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: Débora Allemand. Arquivo mp3 (91 minutos). In: ALLEMAND, Débora. **Cidade como Espaço Cênico: Narrativas do espaço urbano através do ...AVOA! Núcleo Artístico**. Qualificação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

NÚCLEO AVOA. Disponível em: <http://www.nucleoavoa.com/>. Acesso em: 07/jan/15.

SILVA, André Simões da. André Simões da Silva: depoimento [out. 2014]. Entrevistadora: Débora Souto Allemand. Arquivo mp3 (53 minutos). In: ALLEMAND, Débora. **Cidade como Espaço Cênico: Narrativas do espaço urbano através do ...AVOA! Núcleo Artístico**. Qualificação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.